

Índice geral

- 11 Agradecimentos
- 13 Prefácio
- 29 Introdução
 - 1. A tradução numa perspectiva polissistémica, 31
 - 1.1. Orgânica sistémica, 31
 - 1.2. Os agentes sistémicos – identidade *vs.* alteridade, 35
 - 1.3. O tradutor enquanto entidade individual e sistémica, 38
- 43 PARTE I O Estado Novo e o após-guerra
 - 1. O conceito de repertório e as suas implicações na organização do Estado, 45
 - 1.1. O repertório do Estado Novo no após-guerra, 46
 - 1.1.1. Ideologemas do Portugal rural, 47
 - 1.1.2. Ideologemas do Portugal colonial, 48
 - 2. Estruturação institucional do Estado Novo no domínio da cultura, 51
 - 2.1. Estratégias de incentivo à produção cultural, 51
 - 2.2. Estratégias de incentivo ao consumo cultural, 53
 - 3. Controlo da produção, importação e consumo culturais: as práticas censórias, 56
 - 4. Repertórios do sistema literário português, 63
 - 4.1. Centro(s) e margens, 63
 - 4.2. Produtores e produtos, 73
 - 5. Conclusões, 76
- 79 PARTE II Ilse Losa e o seu papel como mediadora cultural no Portugal do após-guerra
 - 1. Ilse Losa – um percurso de vida intercultural, 81
 - 1.1. Alguns dados biográficos, 81

- 1.2. A conversão linguística enquanto expressão de interculturalidade, 84
2. Ilse Losa – um percurso literário intercultural, 88
 - 2.1. Obra infanto-juvenil, 88
 - 2.2. Obra narrativa, 90
3. Ilse Losa – um percurso de intervenção social e política, 96
 - 3.1. Associação Feminina Portuguesa para a Paz, 102
 - 3.2. Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 105
4. Ilse Losa como tradutora, 109
 - 4.1. A tradução de narrativas curtas e excertos de obras narrativas alemãs, 112
 - 4.2. Tradução de narrativas longas da literatura europeia, 122
 - 4.3. Tradução de textos dramáticos: considerações gerais, 128
 - 4.3.1. *Andorra* (1961), de Max Frisch, 130
 - 4.3.1.1. Considerações temático-estruturais, 130
 - 4.3.1.2. A recepção portuguesa, 134
 - 4.3.1.3. A tradução de Ilse Losa e Manuela Delgado, 138
 - 4.3.1.4. *Andorra* censurada, 152
 - 4.3.1.4.1. O Processo 1/6769 da Direcção-Geral de Espectáculos/SNI, 152
 - 4.3.1.4.2. As Comissões de censura (1962, 1964 e 1969), 153
 - 4.3.2. As traduções de Ilse Losa dos dramas de Bertolt Brecht, 158
 - 4.3.2.1. Alguns dados recepcionais, 160
 - 4.3.2.1.1. A mediação francesa e os relatórios do SNI/DSC, 160
 - 4.3.2.1.2. As traduções portuguesas e os registos das bibliotecas Fundação Calouste Gulbenkian, 163
 - 4.3.2.1.3. A representação de *A Alma Boa de Setsuan* pela Companhia de Maria Della Costa, 169
 - 4.3.2.1.3.1. As reacções da crítica, 169
 - 4.3.2.1.3.2. A actuação da censura (Processo SNI/DGE/1/5983), 170

	4.3.3. Tradução de peças radiofónicas, 174
	4.3.3.1. <i>Ein grenzenloser Nachmittag</i> (1955), de Martin Walser, 175
	4.3.3.2. <i>Die Brandung vor Setúbal</i> (1956-1957), de Günter Eich, 178
	4.4. Conclusões, 182
185	PARTE III A tradução portuguesa de «Der Ausflug der toten Mädchen» [<i>O Passeio das Raparigas Mortas</i>] – as dimensões identitárias de uma importação cultural
	1. O acto de tradução enquanto processo de afirmação da identidade do tradutor, 187
	1.1. Anna Seghers e Ilse Losa – simetrias e assimetrias de dois percursos, 188
	1.1.1. Sobre Anna Seghers, 192
	1.1.1.1. Dados de um percurso biobibliográfico, 192
	1.1.1.2. O exílio enquanto percurso ideológico e artístico, 198
	2. «Der Ausflug der toten Mädchen» – um olhar no exílio sobre a Alemanha, 206
	2.1. A estrutura narrativa, 210
	2.2. A instância narrativa, 213
	2.3. O tempo, 217
	2.4. O espaço, 221
	2.4.1. O México, 221
	2.4.2. A Alemanha do Reno, 224
	2.4.3. A Alemanha urbanizada, 229
	2.5. O universo das personagens, 231
	2.5.1. Semântica funcional, 231
	2.5.2. Breve caracterização, 235
	3. «O Passeio das Raparigas Mortas», tradução portuguesa de «Der Ausflug der toten Mädchen», 243
	3.1. A importância dos prefácios, 243
	3.2. A versão portuguesa de «Der Ausflug der toten Mädchen», 245
	3.2.1. Dados editoriais e catalográficos, 245
	3.2.2. O prefácio de Ilse Losa, 247
	3.2.3. O posfácio de Jean TAILLEUR, 254

	4. Abordagem comparativa da narrativa «Der Ausflug der toten Mädchen», de Anna Seghers, e da tradução portuguesa «O Passeio das Raparigas Mortas», de Ilse Losa, 256
	4.1. Relevância da análise imagológica na abordagem comparativa, 256
	4.2. Aplicação de um modelo de estudo imagológico, 258
	4.3. «Der Ausflug der toten Mädchen» e «O Passeio das Raparigas Mortas» – verbalizações de processos de definição identitária, 264
	4.3.1. A identidade cultural europeia no contexto da América Latina, 264
	4.3.2. A identidade cultural face a um colectivo de pequenas dimensões: a Alemanha do Reno <i>vs.</i> a Alemanha nacional-socialista, 274
	4.3.2.1. Imagens da Alemanha renana, 274
	4.3.2.2. Imagens da Alemanha nacional-socialista, 288
	4.3.2.2.1. A minoria judaica, 293
	4.3.2.2.2. A minoria católica, 296
	4.3.2.2.3. A alteridade masculina, 299
	4.3.3. A identidade do indivíduo no contexto de colectivos mais restritos: Leni <i>versus</i> Marianne, 302
	4.3.4. Conclusões, 308
313	Considerações finais
323	Bibliografia
	1. Obra literária original de Ilse Losa, 325
	1.1. Bibliografia e outros documentos sobre Ilse Losa, 325
	2. Traduções e outros textos de Ilse Losa, 328
	2.1. Texto originais de autores traduzidos por Ilse Losa, 329
	2.2. Bibliografia sobre as obras traduzidas por Ilse Losa, 330
	3. Bibliografia sobre Anna Seghers, com especial incidência no conto «Der Ausflug der toten Mädchen», 332
	4. Estudos de Tradução, 336
	5. Estudos literários, interculturais e imagológicos, 342
	6. Bibliografia sobre Estado Novo e Censura, 348
	7. Obras de referência (gramáticas, dicionários, enciclopédias e histórias da literatura), 351
353	<i>Índice Onomástico</i>